

A Estratégia Naval Brasileira da Guerra do Paraguai

Hélio Leôncio Martins*

A estratégia naval brasileira, com algumas observações sobre ações táticas e apoio logístico, da Guerra do Paraguai são desenvolvidos neste artigo, pondo em relevo o modo como a Marinha cumpriu a missão que lhe foi confiada, as dificuldades encontradas, as relações de comando e a cooperação com as Forças Terrestres.

Ação da Marinha brasileira na Guerra do Paraguai tem sido bem descrita e analisada em duas obras da literatura histórica existente: *A Guerra do Paraguai*, do General Tasso Fragoso (o que de mais completo se escreveu sobre o conflito) e *A Marinha de Outrora*, de autoria do Ministro da Marinha na época, Visconde Ouro Preto. Esse segundo trabalho assemelha-se mais a um relatório, expondo a situação geral da Marinha e, em relação à campanha, descrevendo com detalhes a participação de cada navio. Na obra de Tasso Fragoso, as atividades navais são

inseridas no estudo completo da guerra, cobrindo sua ação política, estratégica e tática de maneira bastante integrada, embasada por documentação fidedigna, e com apreciável justeza.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil solicitou-me que, em conferência, apresentasse, de forma sucinta, o papel que coube à Marinha na estratégia desenvolvida, como teria ela se salientado no contexto geral. Atendendo a tal solicitação, procurei mostrar o planejamento da participação naval e sua realização sob o comando das circunstâncias. Aproveitei o ensejo para acrescentar alguns comentários acerca de aspectos peculiares dos encontros táticos mais importantes e da

logística adotada, que não tem, a meu ver, recebido a ênfase devida de parte dos historiadores.

Decidi pôr em letra de forma a exposição feita, e publicá-la, com o fito de haver maior difusão do que fez a Marinha na campanha do Paraguai, a maneira pela qual cumpriu a missão que lhe foi atribuída, as dificuldades encontradas, as relações de comando e a cooperação com as Forças Terrestres.

PLANOS ESTRATÉGICOS

Qualquer avanço sobre território paraguaio, com suas extensões inóspitas e desconhecidas, deveria, naturalmente, seguir as mais fáceis vias fluviais representadas pelos rios Paraná,

* Vice-Almirante

Paraguai e Uruguai. Isso indicaria, *a priori*, a necessidade de se dispor de meios flutuantes a serem utilizados para o transporte e apoio das forças de terra. As informações referentes ao preparo defensivo do eixo Paraná-Paraguai, que seria certamente o escolhido como o acesso principal, eram escassas e subestimadas. A fortaleza de Humaitá aparecia como o único bastião a ser vencido, para o que não se poderia contar apenas com os elementos navais disponíveis no Rio Paraná: canhoneiras de madeira, com 80 cv de potência nas máquinas, armadas com quatro canhões de calibre 32 em bateria e dois "rodízios" de 68,¹ reforçados pela Fragata *Amazonas*, com propulsão de rodas, 350 cv de força (também com quatro canhões e dois "rodízios", todos de calibre 68), mas de utilização limitada por seu maior calado.

Em janeiro de 1865, terminada a intervenção na República Oriental do Uruguai, antes de este país e de a Argentina (na época uma Confederação de Provín-

cias) alinharem-se ao nosso lado, mas já tendo sido declarada a guerra com o Paraguai, que apresara o Vapor *Marquês de Olinda* e invadira o sul de Mato Grosso (dezembro de 1864), o Ministro da Guerra, Beaurepaire Rohan, solicitou a ajuda do Marechal Caxias, então senador. Pedia-lhe para fixar, numérica e qualitativamente, as forças terrestres necessárias para fazer face ao conflito desencadeado, e elaborar um Plano de Campanha a ser por elas cumprido.

Caxias julgou que o Exército deveria ser aumentado para 50.000 homens, 35.000 de infantaria, 10.000 cavaleiros e 5.000 artilheiros. Destes, 45.000 empregar-se-iam nas operações contra o Paraguai, divididos em três colunas. A mais forte desembarcaria no Passo da Pátria, na margem paraguaia do Rio Paraná (a Província argentina de Corrientes, fronteira, ainda era neutra) transportada pela esquadra e por ela apoiada no avanço sobre Humaitá e, daí, depois de dominada a forta-

leza, até Assunção. A segunda viria de Mato Grosso, operando a partir de Miranda e descendo o Rio Paraguai, obrigando o inimigo a lutar em duas frentes. A terceira manter-se-ia na defensiva em São Borja, no Rio Uruguai.

Um segundo plano de campanha foi elaborado, na mesma época, pelo Conselheiro Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente. Este, profundo conhecedor de História e Geografia, detalhou o Plano de Caxias, fixando os caminhos a serem seguidos, os rios a serem cruzados. Mais bem informado, julgava que Humaitá dificilmente seria conquistada por ataque frontal. Necessitaria ser contornada, ocupando-se antes Assunção e, em seguida, as forças que o fizessem desceriam o rio para atacá-la, o que, aliás, também considerava ingente tarefa.

Concomitantemente, nos primeiros dias de março, o Brasil pressionava a Argentina para que lhe fosse permitida a passagem pelas Províncias de Corrientes e Entrerios (relativamente independentes dentro da Confederação, obedecendo a Urquiza), o que facilitaria a penetração no terri-

¹ É difícil relacionar-se a classificação das peças de artilharia da época, cujo número indicador do calibre representava o peso do projétil em libras, com os calibres atuais em milímetros. Os "rodízios" eram canhões que podiam ser conteirados.



Carta do Teatro da Guerra

tório paraguaio. Mas tanto Urquiza como Mitre (que dirigia a Confederação) opunham-se a esta permissão, preferindo manter neutralidade na luta. O diplomata Francisco Otaviano de Almeida Rosa seguiu para Buenos Aires para tentar modificar tal atitude negativa, mas nada estava conseguindo.

Também o Almirante Tamandaré, a quem cabia a direção da guerra no Prata — política e militar — elaborou, por seu lado, o Plano de Operações que iria cumprir. Datado de 3 de março, considerava inicialmente imprescindível o bloqueio do Rio Paraná, única ligação do Paraguai com o mar, por onde poderia receber recursos externos. A Força Naval à qual estaria afeta essa tarefa, também reconheceria acuradamente as margens dos rios, especialmente Humaitá. Transportaria, logo que pudesse, 10.000 homens, retirados da guarnição que ocupava Montevidéu, que seriam desembarcados 15 milhas à jusante de Humaitá. Conquistada essa “cabeça-de-ponte”, mais 20.000 soldados, da mesma proveniência, iriam reforçá-la. Todo o deslocamento da Força Terrestre ficaria a car-

go da Marinha, *poupando-a da grande redução que sofreria em um trajeto por terra*. Da mesma forma, a Marinha assumiria a responsabilidade pelo abastecimento da tropa por via fluvial *sem paralisar sua marcha, nem distrair forças para a defesa da bagagem e provisões*. Com isso, afirmava ainda o Plano, *tomaríamos desde logo a ofensiva e transferiríamos por este movimento o teatro da guerra para território inimigo*.

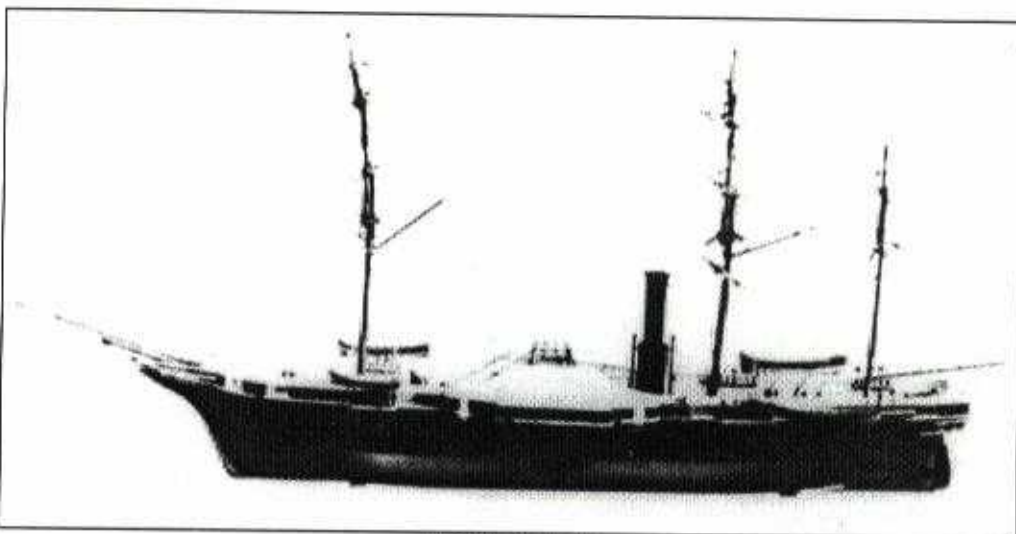
Acrescentava o Plano de Tamandaré: *Ameaçado o Paraguai pelo sul com esta invasão, pelo norte poderia vir outro Exército de perto de 20.000 homens, composto de mineiros, paulistas e cuiabanos*. Como também era indicado por Caxias, forte destacamento seria mantido em São Borja, precavendo-se contra qualquer tentativa de penetração em nosso território e obrigando Lopes a conservar defensivamente grande número de soldados no lado paraguaio da região.

Os três planos assemelhavam-se nas linhas gerais e nas conjecturas erradas. Não contado com a permissão de passagem pelas províncias argentinas, o primeiro contato com o inimigo já

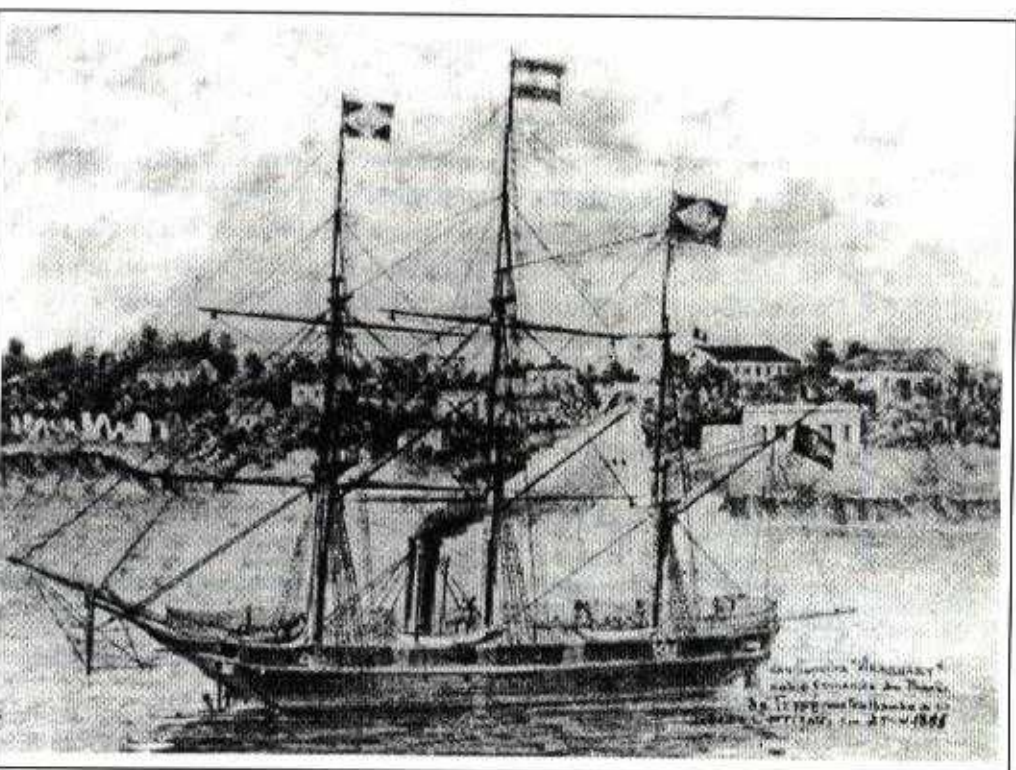
deveria ser feito na margem do Rio Paraguai, acima da confluência com o Rio Paraná. A maior resistência prevista pelos palnejadores seria em Humaitá, mas não entravam em detalhes sobre como vencê-la. Com certeza não se obteriam resultados satisfatórios do lado do rio com os navios de madeira, que não suportariam o esperado bombardeio. Seria necessário aguardar a incorporação à esquadra dos encouraçados, no momento sendo construídos no Brasil e adquiridos no estrangeiro. Apesar de Lopes estar de posse do sul de Mato Grosso, os três Planos cogitavam da vinda de invasores dessa direção. Nenhum previa o avanço paraguaio anteceder os movimentos brasileiros, o que exatamente aconteceu.

A recusa em permitir a passagem pelo território argentino, que o Brasil procurava obter diplomaticamente, repetiu-se quando a mesma solicitação foi feita pelo dirigente paraguaio, que aspirava, inclusive, uma aliança com Urquiza. Mas houve diferença entre as reações à negativa. Lopes não a aceitou. Repeliu o enviado que procurava justificar a atitude de Mitre e Urquiza, com um brado que ficou célebre:

Tipos de navios utilizados na Campanha do Rio Paraguai



Fragata *Amazonas*



Canhoneira *Araguari*

lo llevar todo por delante! Depois do que Tasso Fragoso chama de "comédia parlamentar", a 18 de março, Decreto do Congresso paraguaio: a) aprovava o procedimento do Poder Executivo nacional no caso da guerra com o Brasil; b) declarava guerra ao Governo argentino; c) autorizava o Presidente fazer a paz com qualquer dos dois beligerantes quando julgasse oportuno (uma porta aberta para conluio com Urquiza contra Mitre e o Brasil). A 13 de abril, Força Naval paraguaia desembarcou tropas em Corrientes, ocupando-a sem resistência.

A indignação argentina — e o Uruguai também sentindo-se ameaçado (os "colorados" estando incondicionalmente ao lado do Brasil), levou à formação da Tríplice Aliança. Firmado o Tratado a 1^a de maio de 1865, no mesmo dia reuniram-se, em Buenos Aires: Mitre, pela Argentina; Flores, pelo Uruguai; Tamandaré, pelo Brasil; Osório, comandante das tropas brasileiras no Prata; e o Ministro da Guerra da Argentina. Concordaram nos seguintes pontos, que passaram a constituir o Plano de Campanha dos Aliados: a) o ob-

jetivo principal das operações seria Humaitá; a ele subordinar-se-iam os movimentos e itinerários militares; b) a via fluvial do Rio Paraná seria o caminho mais fácil e natural para atingir o objetivo fixado; c) poder-se-ia fazer uma simulação de invasão do Paraguai por terra firme, mas seria apenas uma finta, porque a natureza do terreno não permitiria ações reais; d) as dificuldades a serem encontradas para vencer Humaitá exigiriam que se contasse com um ponto de apoio na margem do Rio Paraná, que poderia ser o Passo da Pátria, pois a pequena distância que o separava de Humaitá compensaria os inconvenientes advindos da natureza do terreno na região; e) caberia a Urquiza e suas tropas a defesa das Províncias de Corrientes e Entrerios, onde se concentrariam as forças aliadas para a invasão do Paraguai.

ALIADOS NA DEFENSIVA

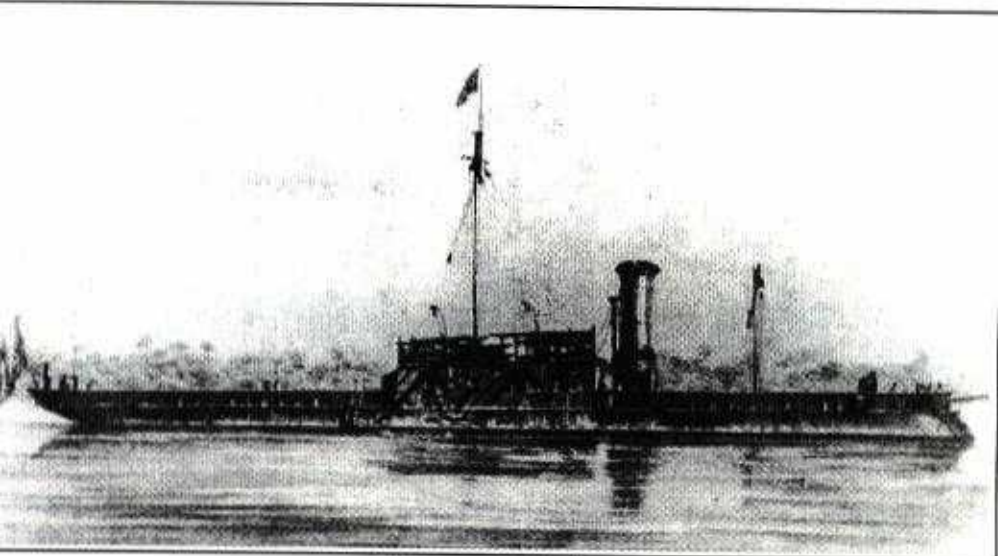
Ainda os aliados discutiam seus planos, mobilizavam-se, treinavam recrutas e já Lopes desencadeara três ofensivas: em dezembro de 1864, no sul de Mato Grosso; em abril de 1865, forças

sob o comando de Venceslau Robles avançaram em Corrientes e na margem esquerda do Rio Paraná; em junho, Estigarribia penetrou no Brasil por São Borja. Como os planos existentes só cogitavam de ofensivas, tiveram que ser esquecidos, concentrando-se os poucos elementos disponíveis dos três aliados para enfrentar os ataques de Robles e Estigarribia.

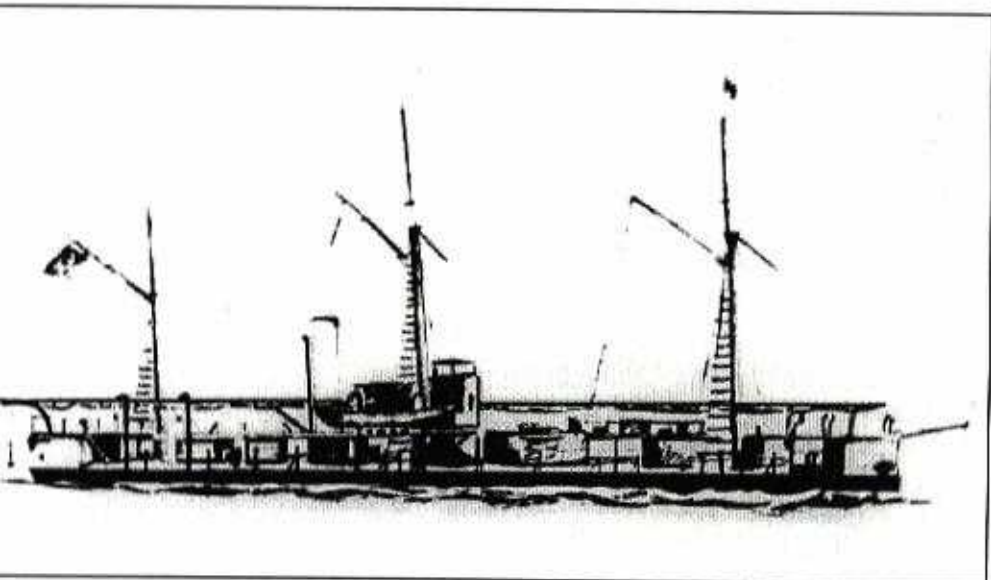
Em Mato Grosso, o Brasil foi pego inteiramente desprevenido. A 23 de dezembro de 1864, 13 navios transportando 4.000 homens sob o comando do Coronel Barrios, subiram o Rio Paraguai e 3.500 cavalarianos de Resquin cruzavam a fronteira terrestre, invadindo a Província de Mato Grosso. O único navio armado da Flotilha de Mato Grosso, o *Amambai*,² auxiliou-o, mas acabou sendo capturado. Os outros navios foram capazes apenas de transportar os elementos que evacuaram Coimbra e, em seguida, Corumbá, levando-os para Cuiabá, onde permaneceram aguardando oportunidade

² O *Amambai* é conservado até hoje no Paraguai como troféu de guerra.

Tipos de navios utilizados na Campanha do Rio Paraguai

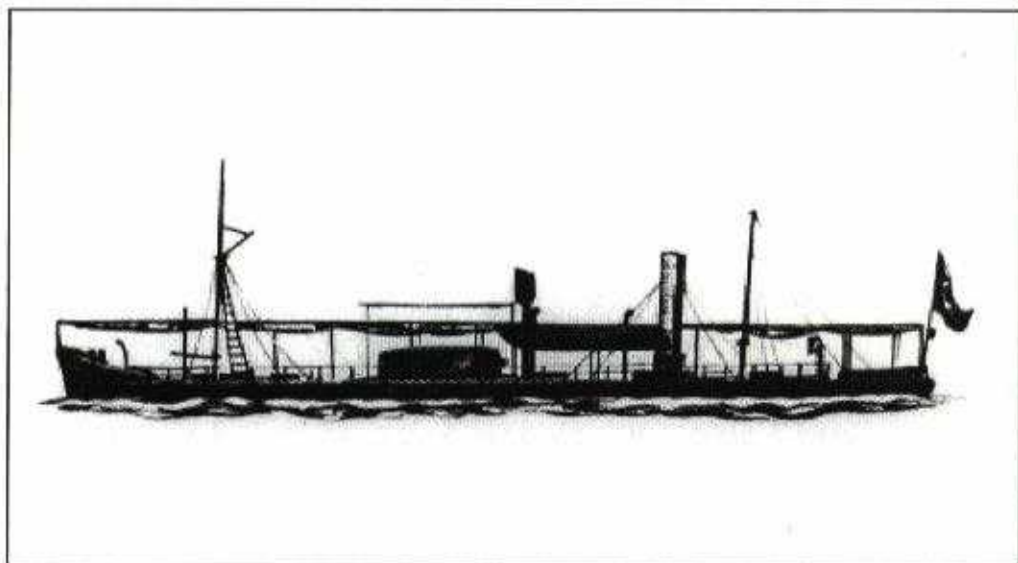


Encouraçado Brasil



Encouraçado Bahia

Tipos de navios utilizados na Campanha do Rio Paraguai

Encouraçado *Brasil*

para futura reação. Os cavalarianos que cruzaram a fronteira terrestre pouca resistência encontraram dos raros e diminutos destacamentos locais, que se imortalizaram por uma retirada — a da Laguna.

A Marinha teve ação preponderante na reação à investida de Robles. Deixemo-la para comentar adiante, falando antes do ataque de Estigarribia, eminentemente terrestre, embora acompanhando o eixo fluvial do Rio Uruguai, tendo sido restrito o papel das unidades navais.

Desde meados de abril, forças paraguaias reuniam-se a fim de penetrar em território brasileiro pela povoação de São Borja, o que fizeram a 10 de junho. Daí, divididas em duas colunas, foram descendo pelas margens do Rio Uruguai, na direita sob o comando do Major Duarte, e, na esquerda, de Estigarribia. O rio era navegável apenas por pequenas embarcações, e foi utilizado pelos invasores para operarem o que chamavam de *bogarantes*, canoas armadas que garantiam a ligação entre as margens, transportan-

do suprimentos e pessoal. Os fracos dispositivos militares brasileiros estacionados no Rio Grande do Sul, comandados pelo Brigadeiro Honorário David Canabarro, não foram de molde a impedir o avanço inicial paraguaio. O então 1º Tenente Floriano Peixoto fez sua primeira aparição no teatro da guerra, em "ação naval". Artilhou um vaporzinho e dois lanchões, opondo-se às *bogarantes* e perturbando as comunicações entre as colunas das duas margens.

Todas as forças disponíveis aliadas foram mobiliza-

as para fazer face a Estigarribia: argentinas de Mitre, de Geli Obes e, mesmo, de Paunero (retiradas destas da resistência a Robles no Rio Paraná); uruguaias de Flores; brasileiras das tropas paulistas de Osório e da guarnição do Rio Grande. Concentraram-se em Concordia. O Barão de Porto Alegre assumiu o comando geral. A Marinha, devido à pouca profundidade do Rio Uruguai, teve pouca presença. Limitou-se, de início, a celerar a conjunção das tropas terrestres, transportando-as no trecho do rio que o permitia. Depois, com o avanço de Estigarribia, logo desgastado pelas derrotas que lhe infligiam os aliados, retirando-se para Uruguiana e afogando-se, seis canhoneiras, aproveitando-se da subida das águas do rio, puderam cooperar com o assédio estabelecido, assistindo à sua crucial rendição à 18 de setembro. Em uma das canhoneiras — a *Onze de Junho* — estavam embarcados Tamandaré e o Imperador Pedro II (das poucas vezes que esteve a bordo de um navio de guerra), que fez questão de assistir a entrega de Estigarribia, a fim de se colocar como o chefe de governo mais importante pre-

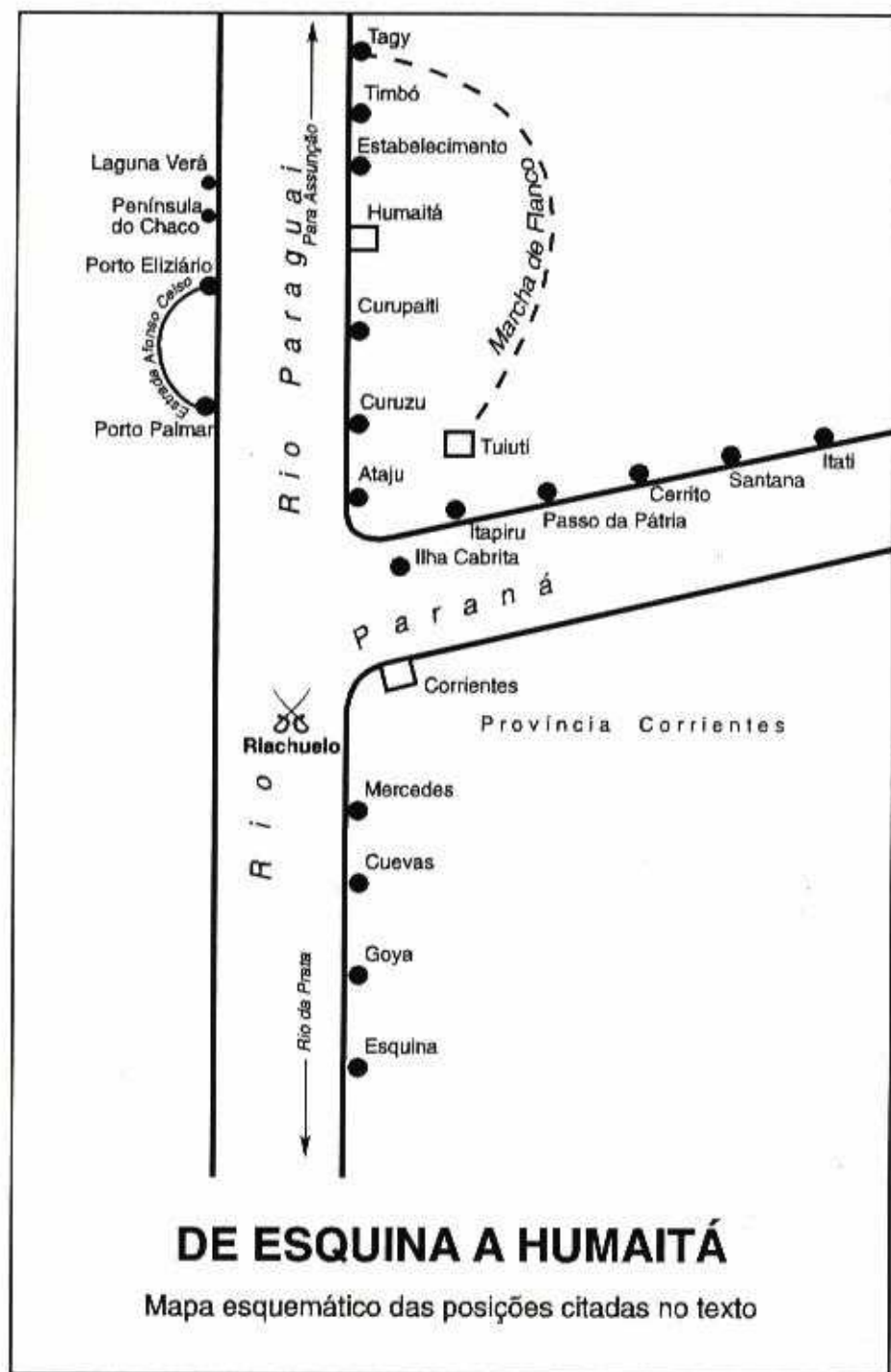
sente, ao lado de Mitre e de Flores. A invasão pelo Rio Uruguai durara três meses.

A segunda ofensiva paraguaia se iniciara com a ocupação de Corrientes, a 18 de abril. Cinco navios de guerra apresaram dois barcos argentinos e desembarcaram 3.000 homens, que seriam a vanguarda do chamado "Exército Expedicionário do Sul", sob o comando de Venceslau Robles, cuja denominação definia seus objetivos: invasão do Prata. A primeira reação que encontrou, depois de assinado o Tratado de Tríplice Aliança, coube à Marinha. A Força Naval designada por Tamandaré para bloquear o rio, embarcou tropas argentinas do General Paunero e uma Brigada brasileira do Coronel Bruce, e rumou para retomar Corrientes. Comandava-a o Capitão-de-Mar-e-Guerra Gomensoro. Acharo sua progressão muito lenta, Tamandaré designou seu Chefe do Estado-Maior, Francisco Manoel Barroso, para assumir o comando.

A 25 de maio, a esquadra estava diante de Corrientes. Houve pouca resistência ao desembarque das tropas, apoiadas pelo fogo naval. Robles já avançava para o sul, fazendo-lhe fren-

te o General argentino Caceres. Com a ocupação do que seria sua base, Robles pretendia recuar. Entretanto, no dia 26, sendo Paunero informado de que consideráveis reforços inimigos estavam sendo enviados de Passo da Pátria, decidiu abandonar a cidade, embarcando com seus homens em navios argentinos, e indo postar-se rio abaixo, em Esquina, pronto para interpor-se à progressão de Robles. Barroso foi solicitado para que seus navios entrassem no Rio Paraná, a fim de impedir a passagem dos reforços inimigos, mas recusou-se a fazê-lo, devido aos riscos que assumiriam navegando em águas hidrograficamente desconhecidas, sem prático de confiança, quando encaixes diante da artilharia adversária significariam perdas de unidades que eram poucas e iriam ser muito necessárias.

A ofensiva de Robles tinha pela frente reduzidas forças argentinas, mas o posicionamento em seu flanco direito da esquadra brasileira, com dezenas de canhões, e a possibilidade de repetir o desbordamento em Corrientes, tornava-se um empecilho que seria preciso neutralizar. Daí o ataque aos



DE ESQUINA A HUMAITÁ

Mapa esquemático das posições citadas no texto

navios fundeados no Rio Paraná, pouco abaixo da confluência com o Rio Paraguai, em frente à foz de um pequeno curso de água, o Riachuelo. Todas as unidades navais com que Lopes contava desceram o rio e travou-se a batalha que iria ter grande importância no desenvolvimento da campanha, tanto acabando com o ímpeto da progressão do "Exército Expedicionário Sul", como dominando a via de acesso fluvial que seria utilizada quando os aliados passassem à ofensiva.

RIACHUELO

Tem aparecido, por estranhos motivos, possivelmente ideológicos, literatura pseudamente histórica procurando diminuir o valor de nossa vitória na Guerra do Paraguai. Consideram-na sendo o "genocídio" de um pequeno povo, praticado por três nações, entre elas a mais poderosa da América do Sul. Apoiam esse argumento em conhecido subterfúgio deformador da verdade histórica: analisar acontecimentos passados não à luz da realidade de quando eles se deram e sim em relação à situação moderna.

De acordo com esse conceito suspeitamente negativo, Riachuelo teria sido batalha travada entre potência marítima bem equipada, com tradições, experiência — o Brasil — e uma flotilha fluvial improvisada de país interiorano. Só que tal opinião foge inteiramente do que aconteceu. A Batalha do Riachuelo pouca semelhança teve com um encontro ortodoxo de esquadras no cenário amplo do oceano, com unidades que poderiam manobrar à vontade para assumir melhor posicionamento, empregando artilharia até as maiores distâncias permitidas pela tecnologia da época. Tratou-se realmente de um entrevero entre navios, operando em área reduzidíssima, plena de bancos de areia nos quais os contendores, especialmente os que menos conheciam o local, poderiam encalhar, com troca de tiros à queimadura e abordagens facilitadas pela proximidade dos combatentes. Tudo se passando junto à margem erçada de canhões manejados por um dos adversários. Os cascos das canhoneiras brasileiras eram tão frágeis como os das unidades inimigas. O armamento semelhante. Se a luta fosse trava-

da ao largo, a força brasileira, mais bem operada, mais marinheira, teria vantagem. Mas, enclausurada no canal estreito do Rio Paraná, estava em condições de igualdade com o inimigo. Ou talvez inferior, porque tinha contra si os 22 canhões instalados na margem próxima e mais seis "chatas" rebocadas, unidades muito bem concebidas, resvês com a superfície, alvos difíceis de acertar, armadas com um canhão calibre 68 atirando na linha d'água dos navios brasileiros.

Ao se aproximarem os paraguaios, a esquadra de Barroso estava fundeada, tendo que manobrar para enfrentá-los. O autor destas linhas esteve na área onde se desenvolveu a batalha. O canal então navegável (1940) passava junto da margem direita, tendo o encontro se dado no canal antigo, perto da margem esquerda (onde estavam os canhões paraguaios) e pôde verificar visualmente como eram mínimas as distâncias. A inversão de rumo dos navios brasileiros demandou evolução em espaço ínfimo, recebendo ao mesmo tempo descargas das baterias inimigas, flutuantes e de terra. O perigo de encalhar mostrou-

se logo, com a perda da *Jequitinhonha*. A *Belmonte*, bastante avariada, teve a sorte de abicar na barranca à jusante da área ocupada pelos paraguaios, escapando por isso. A *Paraíba* foi cercada e abordada por três atacantes.

A reação foi fruto da determinação com que se engajaram as canhoneiras, a intensidade do fogo e dos acertos de suas artilharias, que iam avariando as unidades inimigas; do socorro efetivo e do êxito da libertação da *Paraíba*, que resistiu com o sacrifício, dentre outros, de Marcílio Dias, Greenhalgh e Pedro Afonso; e, por fim, da iniciativa de Barroso, aproveitando a capacidade que tinha a *Amazonas* de girar sobre si mesma, graças à propulsão de rodas (uma das quais seria imobilizada) e mais a potência de sua máquina, para abalroar, destru-

indo-os, quatro navios paraguaios. Esses detalhes com referência à Batalha do Riachuelo são pouco comentados pelos historiadores, principalmente os estrangeiros, que dão ênfase à falsa superioridade brasileira, além de acumular um acervo de mentiras com relação às atitudes das guarnições vencedoras.

Derrotada sua força naval, Lopes ainda tentou desbaratar ou bloquear a esquadra de Barroso, instalando fortes baterias à jusante, em Mercedes e Cuevas, obrigando os navios brasileiros a cruzá-las, sofrendo mais avarias e perdas humanas.

DETIDO O AVANÇO DO EXÉRCITO EXPEDICIONÁRIO DO SUL

O Exército de Robles continuou sua progressão,³ mas Lopes achando fraco o

ímpeto com que avançava, substituiu seu comando (Robles foi preso e fuzilado) por Resquim. A oposição que encontravam das forças argentinas era débil. Pau-nero, em julho, recebeu ordem de marchar a fim de se unir às forças que lutavam contra a invasão de Estigarribia. Restou no Rio Paraná apenas a cavalaria de Urquiza, mas dois motins a enfraqueceram com as deserções que se seguiram. Desse modo, a única resistência efetiva, opondo-se ao Exército Expedicionário, foi dos navios de Barroso, hostilizando seu flanco fluvial, do que resultou ficar ele imobilizado, em Goya, de julho a setembro. Com a rendição de Uruguaiana, que permitiria, como permitiu, o deslocamento dos exércitos aliados para o Rio Paraná, houve ordem de Lopes para ser evacuada a Província de Corrientes, retirando-se os paraguaios, cruzando o rio, para o Passo da Pátria.

Tamandaré e a Marinha foram muito criticados em Buenos Aires, e mesmo no Rio de Janeiro, pelo que chamavam a "estagnação" das operações da esquadra e a permanência do almirante na capital platina. Os estrategistas "de gabinete" julga-

³ Tasso Fragoso em sua obra diz desconhecer-se quais seriam as intenções estratégicas de Lopes com sua tríplice invasão, especialmente as duas em direção ao sul, alongando suas linhas de comunicação e sabendo que iria encontrar cada vez maior resistência. Alimentaria ele o sonho de que, no caminho, conseguiria alianças, com o apoio de Urquiza e, adiante, do Partido Blanco do Uruguai? É contando também com sua momentânea superioridade militar, a dedicação e a bravura de seu povo, com a mística pelo "pai grande", consolidar um império platino sob sua direção? É possível que sua imaginação tenha-se nutrido durante os anos de estada na corte de Napoleão III ("le Petit", como o chamou Victor Hugo), que tenha a ambição de imitar as conquistas de "le Grand", mas sem sua capacidade. De qualquer forma, Lopes fomentou sonho inexecutável que sacrificou uma geração.

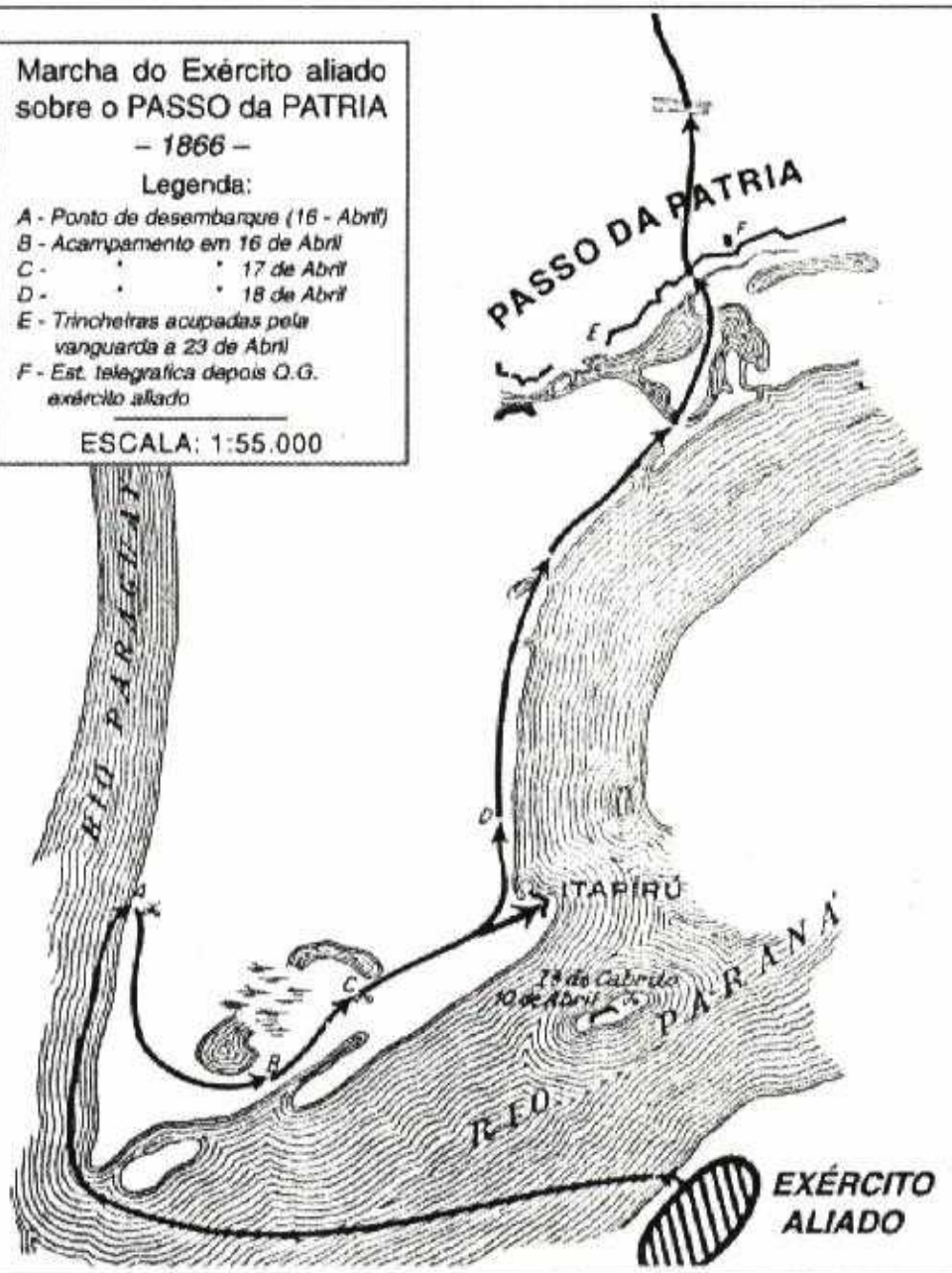
Marcha do Exército aliado sobre o PASSO da PATRIA

— 1866 —

Legenda:

- A - Ponto de desembarque (16 - Abril)
- B - Acampamento em 16 de Abril
- C - " " " 17 de Abril
- D - " " " 18 de Abril
- E - Trincheiras ocupadas pela vanguarda a 23 de Abril
- F - Est. telegrafica depois O.G. exército aliado

ESCALA: 1:55.000



vam que deveriam os navios, sem maiores cuidados, seguir rio acima, cruzar Humaitá e ocupar Assunção.

Tais comentários de forma nenhuma procediam. Tamandaré, como o Diretor da Guerra até aquele momento, deveria manter-se aonde pudesse acompanhar as negociações políticas, providenciar a instalação da estrutura logística que iria prevalecer até o fim da guerra, além de manter com a Corte, no Brasil, os contatos relativos ao necessário fortalecimento de nossa força naval. Também não se justificaria o avanço dos navios sem serem acompanhados por elementos terrestres de ocupação. A tarefa que lhes competia era a que estavam desempenhando, isto é, manter-se na defensiva, impedindo a progressão do Exército de Resquim.

Outra acusação que se fazia à Marinha, era a de não ter evitado a travessia do Rio Paraná dos soldados paraguaios que recuavam. Da mesma forma de quando Corrientes fora invadida, o desconhecimento do rio impossibilitava o seu patrulhamento permanente, com os riscos de encalhes e destruição pela artilharia inimiga. Quando foi necessário

executar operação de importância — o desembarque em território paraguaio — o levantamento hidrográfico da calha fluvial foi dos trabalhos mais perigosos no preparo da ação, depois do que os navios aí operaram continuamente.

A OFENSIVA — PASSO DA PÁTRIA

Recuado o "Exército Expedicionário do Sul" e deslocando-se as tropas aliadas do Rio Uruguai para o Rio Paraná, concentrando-se em Corrientes, teve início a ofensiva, originalmente prevista nos Planos da Campanha, pelo eixo fluvial. Caberia à Marinha assegurar o domínio do rio, colocar as forças terrestres invasoras no território inimigo e apoiar o subsequente avanço até a neutralização e a passagem de Humaitá, considerada a chave da guerra. Os navios de madeira, embora continuando a ser empregados, não seriam os indicados para desempenhar as tarefas planejadas. Em dezembro de 1865, começaram a incorporar-se à esquadra as unidades blindadas, capazes de arrotar a artilharia dos pontos fortificados que se sucediam pelas margens dos rios.

A contribuição da Marinha na campanha do Paraguai começou logo com o rompimento das hostilidades e, operativamente, só terminou quando o conflito transportou-se para a cordilheira, com a perseguição a Lopes. Mas em três ocasiões sua ação atingiu os climax que influenciaram grandemente no desenvolvimento da guerra: em Riachuelo, quando destruiu o poderio naval paraguaio e se opôs à ofensiva dos "expedicionários" de Robles e Resquim; na passagem de Humaitá; e, especialmente, na operação anfíbia chamada de Passo da Pátria, cuja direção lhe coube, conseguindo a proeza de, em face de forte resistência, colocar na margem paraguaia do Rio Paraná, através de águas até então desconhecidas, perto de 60.000 homens, com cavalaria, artilharia, munição e suprimentos, sem que se lamentasse nenhuma perda.

Fora decidido que a travessia do Rio Paraná se faria perto da confluência com o Rio Paraguai, no local denominado Três Bocas. O deslocamento das forças de invasão ocupou o restante do ano de 1865 e os primeiros meses de 1866. Simultaneamente, iam sendo feitos os

preparativos materiais para o transporte dos soldados, utilizando-se os parques recursos existentes em Corrientes e outros trazidos de Buenos Aires. Numerosas barcaças foram construídas. E concentrava-se a força naval mais poderosa até aquele momento vista em águas fluviais. Em fevereiro de 1866, contava a esquadra com quatro encouraçados (*Brasil, Bahia, Tamandaré e Barroso*), 13 canhoneiras de madeira, cinco avisos, cinco transportes próprios e seis afretados.

Tamandaré, considerando a envergadura da ação a ser desfechada, deslocou-se de Buenos Aires e assumiu o comando da Força Naval, tendo como capitânia o transporte *Apa*. Foi-lhe atribuída a chefia geral da operação. Da margem oposta, os paraguaios procuravam continuamente perturbar as tropas aliadas em Corrientes, com pequenas incursões de canoas armadas, facilmente repelidas. Mas isso deu causa a mais um atrito verbal entre Mitre e Tamandaré (a ser seguido por outros, inclusive com seu sucessor, Inhaúma). O Presidente argentino insistia para que os navios patrulhassem o Rio Paraná a fim de impedir tais

incursões inimigas. A recusa de Tamandaré, como Barroso fizera em situações anteriores, foi definitiva. Considerava que os "custos" advindos dos riscos enfrentados pela navegação em águas desconhecidas, não seriam compensados pelo que se queria evitar.

Esses desacordos entre os comandantes das Forças Navais e o Comandante-em-Chefe (pelo Tratado da Tríplice Aliança não havia subordinação dos primeiros ao segundo) continuaram durante toda a campanha por motivos diversos. Mitre seria notável estadista, mas como militar não estava familiarizado com o emprego de forças navais. Sobrestimava as possibilidades dos navios, ignorava a necessária coordenação que sua atividade deveria ter com as forças terrestres. As negativas às suas exigências demandavam grande fortaleza moral dos chefes navais que eram, por isso, acimados de excessivamente cautelosos, eufemismo encobrendo piores acusações. Tamandaré, e depois Inhaúma, chegaram a denunciar Mitre como pretendendo enfraquecer a Marinha Imperial (arriscando-a a perdas desnecessárias) prevendo papel que teria em

eventuais e subseqüentes conflitos no Prata. Naturalmente deveriam influir nessas acusações antigas diferenças, não esquecidas, nascidas na Campanha Cisplatina.

O primeiro passo dado para garantir a travessia do Rio Paraná, foi ser feito o levantamento batimétrico da área fluvial a ser cruzada. Desta vez, à vista da importância da operação, valiam os riscos a serem assumidos. Uma comissão hidrográfica, composta pelos Tenentes Silveira da Mota (futuro Barão de Jaceguai), Hoonholtz (futuro Barão de Tefé) e Cunha Couto, protegida por um encouraçado e duas canhoneiras, efetuou sondagens do rio até bem acima da confluência, enfrentando o fogo do inimigo e os encalhes que se sucederam.

Com base nesses estudos, e no reconhecimento que foi possível fazer da margem paraguaia, Tamandaré, Mitre e Osório tratavam de fixar o melhor ponto para o desembarque. Enquanto isso, a esquadra bloqueava o Rio Paraguai e procurava neutralizar os redutos artilhados de Itapiru e Passo da Pátria, que duelavam à curta distância com os navi-

os, contando com o auxílio de antigo e valoroso combatente que reaparecia: as terríveis "chatas" de Riachuelo.

A artilharia do Exército também tentava atingir as fortificações paraguaias, mas com pouco efeito, devido às maiores distâncias de tiro. Decidiram então ocupar um pequeno banco de areia a meio caminho, chamado a Ilha da Redenção, e aí instalar bateria que auxiliasse o bombardeio dos navios. Sob a proteção de duas canhoneiras, o Tenente-Coronel João Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenharia do Exército brasileiro, ocupou-a, levando consigo sapadores e artilheiros comandados pelos Tenentes-Coronéis Villagram Cabrita e Tibúrcio de Souza. Montaram na ilha quatro canhões e quatro morteiros. No dia 9, os paraguaios tentaram desalojá-los, com violento ataque, mas foram repelidos. Lamentavelmente, um dos últimos tiros disparados vitimou o Tenente-Coronel Cabrita, cuja heroicidade fez com que a ilha tomasse seu nome.

Os navios sofriam muito com o fogo paraguaio, que destruía suas superestruturas e causava baixas entre as guarnições. Mas o pior de-

astre deu-se quando um projétil penetrou na casamata do encouraçado *Tamandaré*, matando e ferindo 37 homens, entre eles seu comandante, o 1º Tenente Mariz e Barros (filho do Visconde de Inhaúma) que teve a perna cortada e sangrou até morrer.

Continuavam os chefes militares a procurar o local mais propício para o desembarque. Havia preferência para ser a passagem feita mais à montante, em Itati, ou entre Itapiru e Passo da Pátria. Em ambos esses lugares os alagadiços acompanhavam a margem, o que dificultaria a marcha das tropas, principalmente a cavalaria, depois de colocadas em terra. A 2 de abril, Tamandaré recebeu carta do 1º Tenente Francisco José de Freitas, comandante da canhoneira *Ipiranga*. Dizia que, embora julgasse a decisão já tomada, sugeria que também considerassem a área junto à foz do Riacho Atajo, afluente da margem esquerda do Rio Paraguai, pouco acima da confluência com o Rio Paraná. Aí, a barranca tinha a altura conveniente para se efetuar o desembarque, as águas do rio eram profundas, e, em continuação, estendia-

se planura apropriada para a marcha dos invasores. O desembarque se daria afastado das fortificações inimigas mais poderosas, de Itapiru e do Passo da Pátria.

Na reunião do comando geral do dia 14 de abril, Tamandaré apresentou o croquis desenhado pelo Tenente Freitas, que coincidia com outras informações obtidas. No dia 16, três canhoneiras reconheceram a área indicada, sendo ela definitivamente escolhida para aí serem colocadas as tropas. O bombardeio de Itapiru, Passo da Pátria e, mesmo, um pouco acima, entre a Ilha de Santana e a margem, continuou intenso, servindo entretanto só de despistamento e preparo para o avanço posterior dos invasores.

Nesse mesmo dia 16, os transportes com o primeiro escalão (chamavam "expedição"), brasileiro, liderado por Osório (que fez questão de, antes de qualquer outro, pôr o pé em terra, seguido por seu piquete) largaram de Corrientes, penetraram no Rio Paraguai e atracaram junto à foz do Riacho Atajo, protegidos pelo fogo de quatro canhoneiras. O segundo escalão, que logo o seguiu, era comandado por Flores e Paunero. A operação conti-

nuou todo o dia 17. Enquanto durou, o Almirante Tamandaré percorria a área em um escaler a remos. Itapiru e Passo da Pátria foram abandonados conforme as forças desembarcadas progrediam pela margem do Rio Paraná, com a cobertura da artilharia da esquadra,

AVANÇO SOBRE HUMAITÁ, CURUZU E CURUPAITI

Em Estero Belaco e Tuiuti, Lopes opôs-se à penetração dos aliados, sendo vencido, a 24 de maio, na maior batalha campal travada na América do Sul. No caminho para Humaitá, duas fortificações, fazendo parte do dispositivo defensivo da fortaleza, barravam o avanço dos invasores, e deveriam ser vencidas: Curuzu e Curupaiti.

A esquadra preparou o caminho, reconhecendo e canhoneando a primeira delas, tendo de lutar, além da reação da artilharia, com estacas cravadas no leito do rio, impedindo o deslocamento dos navios, e com os denominados "torpedos", minas flutuantes que desciam a correnteza, ameaçando chocarem-se com os cascos, explodindo. Em relação ao estaqueamento, a unidade

naval mais potente, o encouraçado *Brasil*, demoliu-o à força de proas. Quanto à segunda ameaça, escaleres patrulhavam a vanguarda da esquadra, desviando-os, o que não evitou que alguns deles fossem as primeiras vítimas.

Nem sempre, entretanto, puderam evitá-los, sendo os "torpedos" responsáveis pela nossa maior perda material na guerra. Dois deles atingiram o encouraçado *Rio de Janeiro*, que afundou, causando a morte de grande parte da guarnição. Mas, a 31 de agosto, os navios encarregaram-se do transporte do 2º Corpo do Exército brasileiro, comandado pelo Barão de Porto Alegre, desembarcaram-no em local seguro e apoiaram seu avanço e a tomada de Curuzu.

Porto Alegre preparou-se para continuar a marcha contra Curupaiti. A nova empresa seria bem mais difícil, exigindo reforços, inclusive a substituição das baixas em Curuzu. Mitre decidiu incorporar divisões argentinas e assumir pessoalmente o comando da operação. A esquadra procurou fazer calar os canhões adversários e demolir os bastiões defensivos, mas, apesar de dobrar o tempo previsto para o bombar-

deio, não obteve os resultados desejados. A 22 de setembro, os aliados atacaram e foram repelidos, no que se constituiu na única grande derrota por nós sofrida na campanha.

É dito conhecido que "a vitória tem muitos pais, mas a derrota é órfã". Uma das conseqüências do malogro de Curupaiti foi a demonstração da fragilidade da estrutura do comando aliado. Tamandaré independia da chefia de Mitre. Porto Alegre discordava do General Polidoro — que substituíra Osório no comando do 1º Corpo e era o oficial brasileiro mais graduado. Acusava-o de ter aceito que operação com a maioria dos elementos engajados brasileiros fosse dirigida por estrangeiro, Mitre, o qual, juntava, como comandante-em-chefe deveria preocupar-se com a estratégia geral adotada, e não chefear ações menores. Cruzavam-se acusações. A Marinha foi responsabilizada por não ter dado cobertura de fogo suficiente e de não manter boas comunicações com Porto Alegre. Tamandaré defendeu-se afirmando que, com o tipo de material utilizado nos bastiões (terra solta) seria difícil garantir-se serem

eles destruídos com tiros de canhão,⁴ e que uma canhoneira, fundeada na Lagoa Pires, mantivera permanentes comunicações com as tropas atacantes. Julgava, por seu lado, que essas últimas não haviam reconhecido devidamente as paliçadas que deveriam galgar. Também Porto Alegre queixava-se de que, se tivesse recebido o reforço de 4.000 homens solicitado a Polidoro, teria assegurado o êxito.

Com referência a Mitre, a crítica brasileira condenava ter ele aceito conferenciar com Lopes em Iaiti Corá a 10 de setembro (na conferência Lopes propôs a paz, proposta recusada por Mitre porque o Presidente paraguaio não se dispunha a abandonar o governo, e esta era exigência da Tríplice Aliança para dar fim às hostilidades) a qual servira de pretexto para o inimigo ganhar tempo e usá-lo em reforçar as defesas de Curupaiti.

A conclusão de Tasso Fragoso, isenta de paixões e de lamentações, simples e

direta, foi que o ataque a Curupaiti malogrou-se devido a seu preparo insuficiente. Abordou-se posição extremamente forte sem que antes as dificuldades do assalto tivessem sido devidamente avaliadas.

Conseqüência indireta — ou até certo ponto direta — da derrota de Curupaiti, houve importantes mudanças no alto comando. Tamandaré, que já pedira retirar-se por motivos de saúde, foi substituído pelo Almirante Joaquim José Inácio, Visconde de Inhaúma. O General Polidoro cedeu seu lugar no 1º Corpo do Exército para o General Argolo. E o Marquês de Caxias foi nomeado Comandante das Forças Brasileiras no Teatro — e algumas vezes Comandante-em-Chefe, nas ausências de Mitre, que passaram a ser mais frequentes, voltando à Argentina para solucionar questões da política interna do país.

Em seu novo comando, Caxias teve que se mostrar eficiente administrador antes de estrategista. Os planos

de Mitre para a tomada de Humaitá dependiam da neutralização de Curupaiti, devendo assim serem revisitos. Os necessários estudos, as mudanças de comando, outras dificuldades que surgiram, ocasionaram uma parada nas operações que durou de setembro de 1866 a julho de 1867, com as tropas acampadas em Tuiuti. Sofreram com isso, naturalmente, a seqüela de situações semelhantes: desorganização, desânimo, condições sanitárias piorando etc. Para combater tais sinais negativos, Caxias dedicou-se a reorganizar os efetivos existentes, combater epidemia de cólera que assolou o Exército, melhorar o adiestramento, as condições de saúde e o abastecimento.

Solucionado o problema da organização, simplificou os planos a serem implementados, projetando a audaciosa "marcha de flanco", que contornou Humaitá, e determinou a formação e a incorporação de um 3º Corpo de Exército, recrutado por Osório no Rio Grande do Sul. Solicitou também para que ficassem bem claras as relações de comando com Mitre e Inhaúma. Quanto ao primeiro, foi-lhe concedida certa independência de pla-

⁴ Na Segunda Guerra Mundial, com outros recursos, canhões de 406mm, aviação, reconhecimentos precisos, houve casos nos quais os bombardeios preparatórios de posições costeiras para operações anfíbias não anularam completamente as defesas como, por exemplo, em Iwo Jima, o que custou a vida de centenas de fuzileiros navais norte-americanos.

nejamento, e, o segundo, ficou a ele subordinado, o que trouxe grandes vantagens operativas com a perfeita cooperação que se seguiu.

A estagnação, que era criticada, não atingiu a Marinha, pois os navios continuavam ativos, procurando enfraquecer as defesas paraguaias e sofrendo sua esperada reação. Uma Divisão de Canhoneiras subiu o Rio Paraná, limpando-o dos remanescentes entraves inimigos que ainda aí permaneciam.

Mitre continuava com a idéia fixa de que o primeiro movimento para a ocupação de Humaitá deveria ser a esquadra ultrapassar a fortaleza, quaisquer que fossem as perdas que experimentasse. Em "memoriais" que enviava a Caxias dizia que a destruição de até dois terços das unidades que tentassem a passagem ainda faria válida a operação.

Tanto Tamandaré como, posteriormente, Inhaúma, opunham-se às idéias de Mitre, argumentando que a ultrapassagem de Humaitá no momento, afrontando centenas de canhões atirando à curta distância, significaria, com as perdas que se iriam verificar, sensível diminuição de nosso poder

naval. E isso sem que houvesse resultado compensador, pois, se as forças terrestres não acompanhassem a esquadra, colocando-se à montante de Humaitá, nenhuma vantagem estratégica se teria, e as unidades navais que restassem ficariam bloqueadas. Esperavam também a incorporação de um novo tipo de navio, que estava sendo construído no Brasil, próprio para a operação, com a casamata dos encouraçados substituída por artilharia torreada, mais rasos de superestrutura e casco, resistindo melhor aos bombardeios: os monitores.

Caxias apoiou os chefes navais, concordando que a Marinha só forçasse Curupaiti e Humaitá quando a situação estratégica o exigisse e a operação estivesse bem preparada.

A pressão de Mitre chegou a tal ponto, apelando para sua autoridade, que mesmo Caxias começou a partilhar dos receios dos almirantes de que havia suspenso interesse argentino na redução do poderio da Marinha Imperial — e, em car-

ta ao Ministro da Guerra, expressou-os. A diplomacia brasileira procurou apagar tal impressão, que poderia pôr sombras na Aliança.

Em julho de 1867, Caxias, com os 1º e 3º Corpos brasileiros e as tropas argentinas que continuavam no Paraguai, iniciou a "marcha de flanco", ficando o 2º Corpo (de Porto Alegre) em Tuiuti, na defesa da base e como reserva. Logo, como prometera Inhaúma, dez encouraçados romperam as defesas de Curupaiti, sustentando vivíssimo fogo de 29 canhões de calibres 68 e 32, e entre eles o considerado "monstruoso Cristiano", de calibre 80, fundido com o bronze das igrejas paraguaias.⁵

Além de enfrentar as costureiras estacas e os "torpedos" trazidos pela correnteza, os navios tiveram que fazer a passagem utilizando o canal fundo, que ficava junto à margem esquerda, reduzindo ainda mais as distâncias de fogo. Os tributos pagos em termos de pessoal e material, devido aos tiros de que eram vítimas, não

⁵ Este canhão está no Museu Histórico do Rio de Janeiro. Sua fundição sofreu acurado exame pelo Raio-X, e a conclusão a que os museólogos chegaram foi que ele nunca deve ter atirado, porque encontraram falhas na sua estrutura que o fariam explodir.

foram poucos. Entre as vítimas contou-se o comandante do *Tamandaré* que perdeu o braço, arrancado por um projétil.

Durante seis meses os encouraçados permaneceram entre Curupaiti e Humaitá. Foi a fase mais difícil e discutida da campanha naval. Da posição em que se encontravam podiam hostilizar as duas fortificações, mas também eram visados por ambas constantemente. Raramente as guarnições abandonavam o abrigo das casamatas, o que tornou, no clima inóspito e quente, quase insuportáveis as condições sanitárias. Os suprimentos passaram a ser muito dificultados, sendo necessárias providências extraordinárias para garanti-los, sobre os quais falaremos adiante.

Nesse meio tempo, as operações terrestres desenvolviam-se, com o avanço das tropas aliadas encontrando reação tanto do inimigo como da natureza do terreno que atravessavam. Nos últimos dias de setembro, os primeiros destacamentos chegaram a Itaipu (já destruindo três navios paraguaios) na margem acima de Humaitá. Imediatamente Mitre voltou a

insistir para que os navios transpusessem a fortaleza. Falava inclusive como o Diretor da Guerra, embora a esquadra não estivesse a ele diretamente subordinada. Enviou novo "memorial" a Caxias, bastante crítico e enérgico, julgando que a Marinha deveria executar a operação exigida porque assim estaria *llenando un deber*. Inhaúma, a quem foi dado a conhecer o "memorial", respondeu-o mostrando as dificuldades que se iria enfrentar na passagem à força por Humaitá, o que demandaria cuidadoso preparo, a fim de evitar que da ação resultasse um fracasso sangrento e inútil. Os navios desfilariam diante das fortificações um a um devido à largura do canal, permitindo a concentração do fogo de 99 canhões sobre cada unidade. A correnteza das águas, impulsionada pelo giro que o traçado do rio dava, de quase 180°, atingia de quatro a seis milhas por hora, que precisaria ser vencida. Se não o fosse, os navios poderiam ser arrasta-

dos, desgovernados, rio abaixo, enfrentando diversas vezes a barragem da artilharia de Humaitá. Se colidissem com as correntes de ferro atravessadas de margem a margem, e não as rompessem, transformar-se-iam em alvos imóveis, podendo ser abordados pelas *bogarantes*. Haveria com certeza muitas perdas materiais, que iriam fazer falta ao apoio da campanha terrestre que se seguiria para atingir Assunção. Por fim, perguntava se não corresponderia também a *llenar un deber*, o ataque frontal do Exército a Humaitá. Por que não o faziam? A resposta naturalmente seria (o que se aplicava da mesma maneira à esquadra) porque *um assalto certamente rechaçado ou, que, pelo menos, não contasse com razoável possibilidade de êxito, seria insensato*. Caxias mais uma vez assentiu com as razões do almirante, dando-lhe liberdade para enfrentar Humaitá quando estivesse pronto e achasse conveniente.⁶

⁶ O autor teve a oportunidade, em 1940, de passar diante de Humaitá em um navio de 870 cv de força, desenvolvendo 14 nós — o qual, devido à correnteza incidindo pelo través, ia perdendo o governo. Imagine-se em 1867 as dificuldades de navios com 100 cv de potência ante a força do fluxo das águas.

PASSAGEM DE HUMAITÁ

A conveniência apareceu em fevereiro, com a subida do nível das águas, a destruição a tiros de algumas barcas que sustentavam as correntes de ferro e o desgaste das defesas da fortaleza devido aos contínuos bombardeios. A 12 de fevereiro, três monitores, que estavam desde dezembro em Curuzu, enfrentaram as baterias de Curupaiti e juntaram-se aos encouraçados. Na madrugada de 19, uma Divisão Naval, sob as ordens do Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim de Carvalho, composta pelos encouraçados *Barroso*, *Bahia* e *Tamandaré*, levando atracados a contrabordo, respectivamente, os monitores *Rio Grande do Sul*, *Alagoas* e *Pará*, avançou pelo canal fronteiro a Humaitá. Na travessia, rompendo as correntes de ferro que ainda existiam, debaixo de tremendo bombardeio e lutando contra a correnteza do rio, não faltaram incidentes. O cabo que ligava o *Alagoas* ao *Bahia* foi cortado por um tiro. O monitor, trazido rio abaixo pelo fluxo da água, passou pela segunda vez diante da fortaleza. Não atendendo à ordem de fundear que lhe foi dada, voltou so-

zinho, cruzando pela terceira vez a barragem de fogo. Novamente perdeu o governo e defrontou Humaitá pela quarta vez. Já nascendo dia, o 1º Tenente Antonio Joaquim Maurity, seu comandante, mais uma vez aprofundou rio acima e, pela quinta vez, transpôs Humaitá, juntando-se então ao restante da Divisão, "ostentando" no casco algumas centenas de impactos e a superestrutura destruída. Mas não haviam terminado as aventuras do monitor. Julgando-o sem capacidade de reagir, com o castigo que sofrera, 20 canoas repletas de soldados tentaram abordá-lo. Seis delas foram a pique e as outras repelidas.

O encouraçado *Bahia* também desgovernou na travessia, abalroando o *Tamandaré* e o *Pará* que vinham atrás. Ambos os abalroados sentiram o choque, abrindo grandes veios d'água, o que não os impediu de prosseguir. Logo depois de a Divisão passar por Humaitá, teve que enfrentar os disparos de bateria instalada em Timbó, cuja existência era ignorada. Ao meio-dia, os navios chegaram em frente a Tagy, completando o cerco de Humaitá. E apoiaram as forças do Exército que ataca-

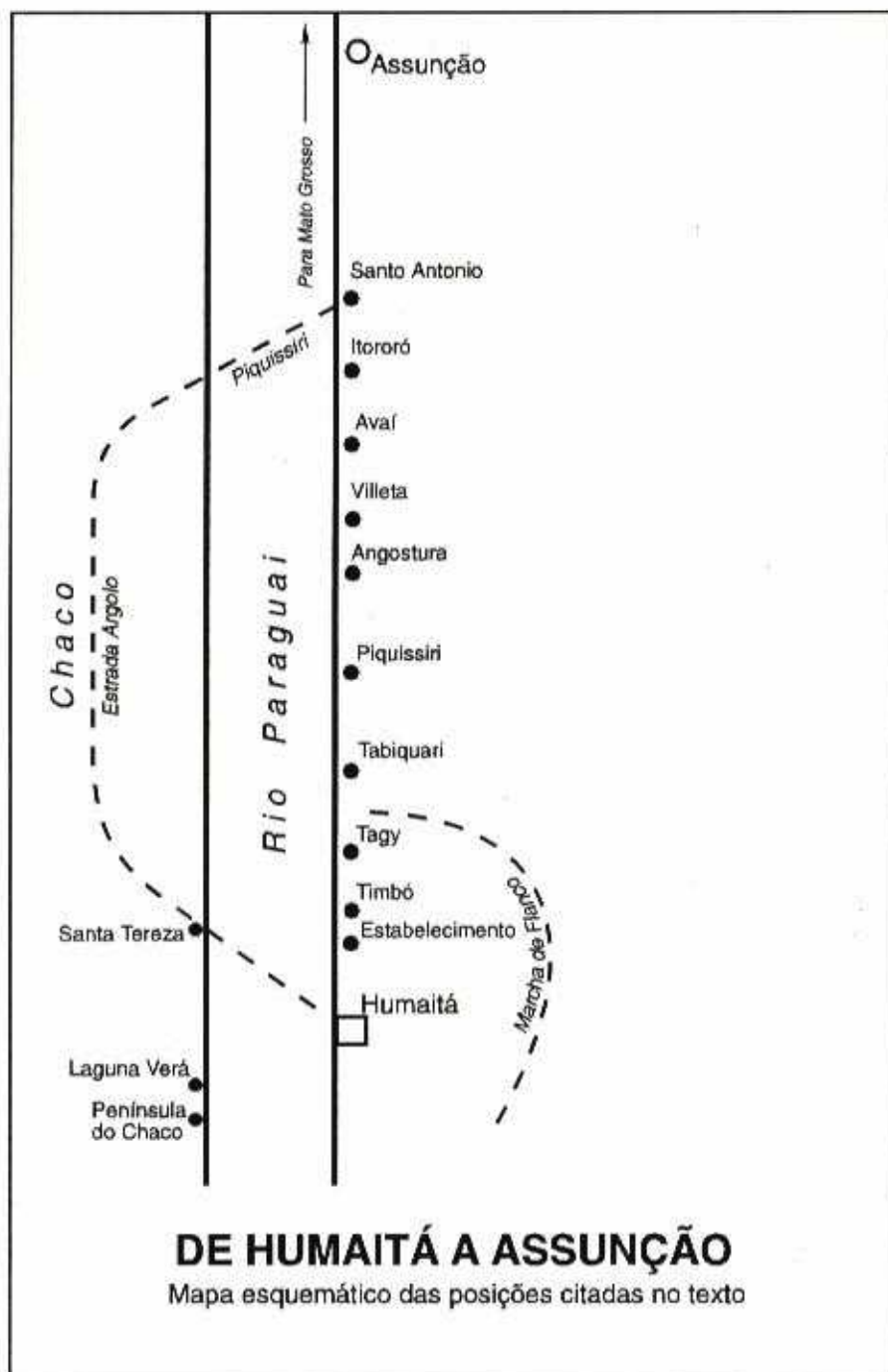
ram e ocuparam o reduto chamado Estabelecimento, que fazia parte do complexo defensivo da fortaleza, abaixo de Tagy.

Atingindo esse primeiro objetivo, considerado de importância capital, teria lugar o avanço sobre Assunção, com íntima cooperação entre o Exército de Caxias e a Marinha de Inhaúma.

QUEDA DE HUMAITÁ A CAMINHO DE ASSUNÇÃO

O que Mitre apontava como a ação decisiva da guerra, a passagem da esquadra por Humaitá, valendo mesmo a perda de dois terços dos navios que o tentassem, acontecera. Pelo rio o caminho para Assunção estava livre. No dia seguinte da transposição de Humaitá, a 20 de fevereiro, as unidades menos avariadas pelo canhoneiro paraguaio, *Bahia*, *Rio Grande do Sul* e *Barroso*, navegaram rio acima até a capital inimiga. A única resistência encontrada foi de uma bateria instalada na Ponta de Tacambé, junto à cidade, logo neutralizada pelos tiros dos navios.

Assunção estava deserta. No porto, dois navios naufragados. Bombardeá-la seria inútil matança de civis.



A ocupação nenhuma vantagem estratégica traria, como preconizada por Mitre, pois toda a margem do rio, entre Humaitá e Assunção estava sendo fortificada em Timbó, Tebiquari, Píkisiri, Angosura e Villeta, redutos que não poderiam ser deixados à retaguarda e fariam do transporte de tropas pela via fluvial um morticínio desastroso. Lopes poderá ser criticado como estrategista, por sua ofensiva para o sul baseando-se em sonhadora política de adesões platinas e pouca reação brasileira, mas sua resistência que opôs aos avanços aliados foi surpreendente.

Para que as tropas terrestres vencessem as fortificações que iriam encontrar, deveria à Marinha repetir o que fizera em toda a progressão pelos rios: apoiá-las, transportá-las, abastecê-las. O cerco de Humaitá, mesmo depois de estarem os encouraçados e monitores completando-o à montante, duraria de fevereiro a julho. Enquanto isso, as unidades navais mantinham Curupaiti e Humaitá sob fogo e reduziram as defesas do complexo, anulando as baterias do Timbó e do Tebiquari.

A fim de mais apertar o sítio da fortaleza, impe-

dendo que aí chegasse qualquer suprimento, Caxias precisou combater forças paraguaias que se mantinham no Chaco (margem direita do rio), dominando a chamada Península do Chaco, fronteira a Humaitá. A esquadra, além de pôr a pique dois vapores que faziam a ligação com o Chaco — os *Igurei* e *Taquari* — transportou através do rio destacamentos brasileiro e argentino, totalizando perto de 3.000 homens, e secundou-os na luta e na vitória contra as tropas inimigas.

Nessa fase, os navios sofreram outro tipo de ataque, perigoso e sangrento: a abordagem dos encouraçados por flotilhas de canoas pejadas de soldados, disfarçadas em “camalotes”, isto é, cobertas de folhagens para se assemelharem a pedaços de barranca arrancados pela correnteza. Em março, 14 delas conseguiram atracar no encouraçado *Lima Barros* e oito no *Cabral*, em frente a Curupaiti. O combate travado nos conveses foi feroz, custando a vida do Chefe-de-Divisão Rodrigues Costa e ferindo gravemente o comandante do *Lima Barros*, pois a luta envolvia toda a guarnição dos navios atacados. Para terminar com os

agressores, os encouraçados *Silvado* e *Herval* suspenderam, colocaram-se junto aos navios abordados, e metralharam seus conveses.

No dia 9 de julho, os paraguaios repetiram a operação, vindos de Humaitá e atacando o encouraçado *Bahia* e o monitor *Rio Grande do Sul*. Comandava o primeiro o Capitão-de-Fragata Silveira da Mota (Barão de Jaceguai) e no *Rio Grande do Sul* foi sacrificado o comandante, Capitão-Tenente Antonio Joaquim. Repetiram-se as carnificinas do ataque anterior, sendo desta vez o inimigo repellido, com grandes perdas, somente pelas guarnições dos navios abordados.

Em uma terceira ocasião os marinheiros viram-se obrigados a se engajar pessoalmente em luta corpo-a-corpo. Quando Humaitá estava sendo evacuada, parte de seus homens procurou retirar-se para o Chaco, cruzando em pequenas embarcações a Laguna Verá. Aí foram interceptados por escaleres com soldados brasileiros, argentinos e marinheiros do encouraçado *Brasil*, chefiados estes pelo Capitão-Tenente Steeple. Os entreveros deram-se de homem contra homem, empu-

nhando principalmente armas brancas. Entre os oficiais que dirigiam os escaleres da Marinha estavam dois tenentes cujos nomes iriam aparecer com destaque na História Naval brasileira: Júlio de Noronha e Saldanha da Gama.

Com o abandono de Humaitá, a 24 de julho, os Corpos de Exército de Caxias, que já contava com poucos elementos argentinos e uruguaios, iriam desencadear a ofensiva que, neutralizando as defesas da margem do rio, destruiriam os remanescentes das forças paraguaias e os levaria até Assunção.

Inicialmente tratou-se de reconhecer, por terra e pelo rio, a real potência dos redutos que se sucediam além de Humaitá. Caxias frequentemente embarcou em encouraçados e monitores para verificar pessoalmente o que teria de enfrentar. Os navios abriam fogo contra as baterias a fim de perceberem, por sua reação, a eficiência de cada uma. Caxias concluiu que um ataque frontal seria praticamente impossível, especialmente devido ao tipo de terreno — alagadiço — que os atacantes teriam que atravessar. Impunha-se um desbordamento das posições

fortificadas, para serem elas assaltadas pela retaguarda. Mas o transporte de tropas por via fluvial, faceando os canhões, de Píkisiri, Angustura e Villeta, à curta distância, também estava fora de cogitação.

A "MANOBRA DO PIKISIRI"

A solução encontrada foi uma bem imaginada operação combinada, que se denominou a "Manobra do Píkisiri". As divisões terrestres, sob o comando do General Argolo, foram levadas pela esquadra para o Chaco, abaixo das fortificações. Deslocaram-se para montante seguindo um caminho de dez quilômetros e meio de extensão, aberto na selva em 23 dias pelos sapadores dirigidos pelo Tenente-Coronel Rufino Galvão (último Ministro da Guerra do Império), chegando acima de Villeta, no local denominado Santa Tereza.

Caxias e Inhaúma passaram e repassaram em frente às baterias, procurando o melhor local para o desembarque. Fixaram-se por fim na barranca do local chamado Santo Antonio. Às vinte horas do dia 4 de dezembro de 1868 começou o Exército a ser levado pelos navios

de guerra, que faziam diversas viagens até Santo Antonio. As instruções de Inhaúma para a operação foram muito detalhadas. Dois monitores ficaram atirando sobre Villeta e dois encouraçados, atracados em Santo Antonio, cobriam o progresso das tropas. Duraram as travessias até o dia 9, controladas, sem que se registrasse qualquer confusão, pelo Capitão-de-Fragata Alves Azevedo (futuro Barão de Ladário, último Ministro da Marinha do Império).

Foram as divisões deixadas em Santo Antonio que, avançando pela margem do rio para jusante, venceram em Itororó, Avaí, nomes que ficaram famosos nos fastos do Exército e dominaram Villeta, Angustura e Píkisiri. A esquadra acompanhou-as, empregando sua artilharia e recebendo em troca os tiros paraguaios. Só o encouraçado *Lima Barros* foi atingido 23 vezes, e um dos projetis, penetrando na casamata, matou seu comandante, o Capitão-de-Fragata Neto Machado e feriu três oficiais e três praças.

Desbaratado o Exército paraguaio, e com a rendição de Angustura, seu último baluarte no Rio Paraguai, terminara a campanha flu-

vial. Só continuaria a perseguição de Lopes e seus restantes soldados na cordilheira, até ser ele morto em Cerro Corá, de espada em punho, nas águas do Riacho Aquidabã.

A 3 de janeiro de 1869 a esquadra fundeou em Assunção. Estava finda sua missão principal, mas ainda caber-lhe-iam algumas tarefas secundárias, demandando coragem e habilidade marinheira.

A 14 de janeiro, um desarmamento de navios de madeira subiu o rio até Feixes dos Morros, na fronteira de Mato Grosso, a fim de verificar se ainda havia domínio inimigo. Nada encontrando, seguiu até Corumbá, já em mãos brasileiras.

Os navios paraguaios que restaram no Rio Paraguai refugiaram-se no pequeno Rio Manduvirá e em seus afluentes menores, todos estreitos e de difícil navegação. A 18 de abril, três monitores e duas lanchas, sob o comando do Capitão-de-Fragata Jerônimo Gonçalves, penetraram no Manduvirá, tendo seu caminho interrompido por galhos de árvores, troncos, atiradores isolados e até cavalaria. A pouca água encontrada impediu-os de se aproximar

dos navios procurados. Regressando a flotilha, em um "passo" (trecho no qual o rio mais se estreita) foi interceptada por duas peças de campanha, uma trincheira guarnecida por atiradores, o rio obstruído por troncos e até dois "torpedos" (que não funcionaram). Os soldados procuravam abordar os monitores e as lanchas. Regaindo, conseguiu ultrapassá-los. Mas Jerônimo Gonçalves não se satisfaz. Voltou rio acima e destruiu a bateria com metralha, desembarcou marinheiros e fez prisioneiros. Foi o último combate da guerra no qual a Marinha tomou parte.

De 29 de maio a 14 de junho, outra flotilha, com uma canhoneira, dois monitores e três lanchas, comandada pelo Capitão-Tenente Eduardo Wandenkolk (primeiro Ministro da Marinha da República) subiu o Rio Jejuy a fim de manter comunicações com a força do General Câmara que operava ao norte do Manduvirá.

Uma terceira expedição pelo Manduvirá destruiu obstáculos que interrompiam o leito do rio e, havendo mais água, aproximou-se dos barcos inimigos refugiados, mas que se auto-incen-

diaram antes de poderem ser capturados.

Nada mais restou à Marinha fazer. Enfrentara dura empresa durante quatro anos.

APOIO LOGÍSTICO

Pelo que se viu, a ação da Marinha na campanha do Paraguai não foi tarefa fácil, de simples presença, aproveitando-se de sua superioridade material, como apregoam autores estrangeiros e, mesmo, alguns nacionais. Ainda que, depois de Riachuelo, não mais houvesse reação naval, e as canhoneiras de madeira tivessem sido substituídas pelos blindados, nem por isto passaram a ser desprezíveis as dificuldades enfrentadas. E com as guarnições sofrendo com o clima inclemente, as moléstias tropicais, agravados pela obrigatoriedade de permanência a bordo, encerradas nas casamatas sob o sol causticante.

Havia um tipo de adversário que poderia inutilizar a ação da esquadra e ao qual não se dá a ênfase que merece: a demanda logística necessária para ser mantida no centro da América do Sul, distante milhares de quilômetros das fontes de abaste-

cimento, mais de 30 navios, entre eles encouraçados e monitores, moderníssimos para a época. Os reparos exigidos eram constantes, quer devido ao natural desgaste, quer os resultantes de avarias causadas pela ação inimiga. Os contínuos bombardeios das posições paraguaias consumiam grandes quantidades de munição. E as tripulações deviam ser alimentadas e garantida a sua higiene física, dentro do possível.

Atender em tempo útil a tais exigências, com os navios sempre em contato com o inimigo, exigia uma organização difícil de imaginar para a época. Pouco se recebia de Buenos Aires, mas, a cada 15 dias, chegava à esquadra um vapor trazendo do Rio de Janeiro alimentação, medicamentos, sobresalentes e, principalmente, munição.

Esse último item, de enorme consumo, tinha sua fabricação a cargo de personagem um tanto esquecido na memória da Marinha, mas ao qual, na posição de retaguarda que ocupava, deve-se muito à eficiência das operações da força naval: o Comandante Henrique Batista de Oliveira,⁷ que exercia as funções de Diretor da Artilharia da Marinha.

Em uma instalação localizada na Ilha das Cobras — o Laboratório Pirotécnico, chamava-se — produzia projetis, explosivos, pólvora, lanternetas (*shrapnels*), granadas de mão, espoletas, massa inflamável (os “racha-fogo”, avós dos atuais lança-chamas), peças de reposição e de manutenção da artilharia, e até mesmo alguns pequenos canhões. No meio da guerra, o Laboratório, com as proporções que tomou, mudou-se para a

Ponta da Armação, em Niteroy, onde permaneceu, como Diretoria do Armamento da Marinha, muitos anos.

Para que se tenha idéia do que Henrique Batista produzia, entre os dias 16 de abril e 12 de outubro de 1868 foram enviados para o Paraguai 5.700 projetis esféricos (para canhões de alma lisa), 17.580 projetis para canhões raiados, 741 “buchas de sebo” (que lubrificavam a alma dos canhões, facilitando o deslizar dos projetis), 7.948 braçadeiras, 19.812 cartuchos de baetilha (que ensacavam as cargas de pólvora), 37.600 cartuchos “racha-fogo”, 34.000 espoletas de artilharia, 14.000 espoletas de clavinias, 1.300 foguetes de sinalização, 65.000 libras de pólvora, 1.927 “lanternetas”, 1.200 “tijelinhas” (para sinalização), 1.200 acessórios diversos e quatro canhões de calibre 2. Isto em seis meses!

Mas ainda assim não foi considerado satisfatório exclusivamente o abastecimento enviado do Rio de Janeiro. Era lento e não resolvia o problema do reparo dos navios. Os Capitão-Tenente José Maria Gracindo Junior e o 1º Tenente Luís Bastos dos Reis, com a cooperação

⁷ O Capitão-Tenente Henrique Batista de Oliveira, antes de ser Diretor da Artilharia da Marinha, foi personagem de aventuras que sabe a ficção: a fuga da França do Encouraçado *Brasil*. Esse navio, construído em Toulon, pago por subscrição pública como reação à chamada “Questão Christie”, teve sua entrega interdita pelas autoridades francesas, a título de ser mantida a neutralidade na guerra com o Paraguai. Henrique Batista, só com a família, usando elementos recrutados na raiz do porto, embarcados a pretexto de limparem o banco, conseguiu fugir de Toulon e veio até o Brasil com aquela guarnição pouco confiável, controlada por dois “capoeiras” contratados como “guardiães”. Enquanto dormia, sua esposa, de revólver em punho, vigiava o timoneiro para que seguisse o rumo determinado.

do já Capitão-de-Fragata Henrique Batista, instalaram na Ilha de Cerrito, no Rio Paraná, perto da confluência com o Rio Paraguai, um Arsenal. Seria, em termos da Segunda Guerra Mundial, uma Base Avançada, na qual os navios eram reparados, supridos e a munição produzida, complementando a que vinha do Laboratório Piro-técnico.

Quando os encouraçados cruzaram Curupaiti e, durante seis meses, permaneceram entre esta fortificação e Humaitá, naturalmente seu abastecimento ficou muito prejudicado, pois as embarcações que o transportavam deveriam, na passagem, enfrentar os canhões de Curupaiti. Como solução foi construída, no Chaco, uma estrada contornando o reduto paraguaio, que se chamou "Afonso Celso". Partia de Porto Palmar e chegava em Porto Eliziário. Os suprimentos eram transportados por uma estrada de ferro, com dormentes flutuantes no alagadiço, inicialmente com tração animal. Mais tarde, utilizando a caldeira de um vapor inutilizado, improvisou-se uma locomotiva que substituiu os animais.

A construção naval nos estaleiros do Rio de Janeiro

— o Arsenal de Marinha com a contribuição particular de dois outros — a Ponta da Areia e John Mayer e Cia — foi bastante produtiva. Durante a guerra, lançaram de suas carreiras um vapor, três encouraçados, duas bombardeiras (armadas com morteiros) e seis monitores. Estes, que ficaram prontos em cinco meses de trabalho, considerados as unidades mais apropriadas para a campanha, foram projetados com base em pesquisa feita no campo de batalha, bem revelando a maturidade do pensamento logístico da época. Foi organizada (em grande parte por Henrique Batista) uma lista de quesitos a serem respondidos pelos oficiais em operações. Pedia-se que fosse feita comparação entre o emprego dos canhões instalados em casamatas e os torreados, perguntava-se quais as melhores trajetórias para que os tiros sobrepusessem as barrancas e quais os tipos de projetis que mais rendimento destrutivo apresentavam; solicitava-se mais informações sobre o funcionamento dos canhões empregados, estatísticas dos tiros dados e seu rendimento, resultados obtidos, partes dos nossos navios mais atingidos etc.

Para responder ao questionário, Henrique Batista deslocou-se para o teatro da guerra, e passava de navio a navio empregado em bombardeios. Com a orientação assim obtida, foram planejados, construídos e armados os monitores.

Talvez, *pari-passu* com a resistência inimiga, o maior obstáculo que a Marinha teve a enfrentar no Paraguai tenha sido as condições sanitárias (não só ela, mas também os quase 100.000 homens do Exército que por lá passaram), os marinheiros vivendo anos em regiões primitivas e miasmáticas, com o desconhecimento da época em matéria de alimentação, prevenção de moléstias, cuidados higiênicos, medidas corretivas de infecções, tratamentos de emergência e hemorragias.

Não que a Marinha faltasse nos cuidados hospitalares que deveria ter. Acompanhava constantemente as forças navais engajadas em navio-hospital — *Onze de Junho* — (chamavam o "hospital de sangue") e havia hospitais completos em Buenos Aires e Corrientes, sendo esse último transferido para Humaitá e Assunção, conforme progredia a campanha. Para cuidados

imediatos, além do navio-hospital, contava-se com enfermarias na Base de Cerrito e no Chaco. A eficiência desses estabelecimentos, medida em números, segundo Ouro Preto na obra *A Marinha de Outrora*, foi significativa. De 1865 a 1868, baixaram aos diversos nosocômios, entre feridos em combate, doentes, aliados e paraguaios prisioneiros, 35.879 homens, dos quais tiveram alta 27.870, 6.115 foram transferidos para Buenos Aires e Rio de Janeiro e 1.827 faleceram. Em 1869, os baixados numeraram 4.112, curados 3.466 e falecidos 65. Embora a artilharia paraguaia fizesse bastantes vítimas, o desconforto, as epidemias, o desgaste físico responsabilizaram-se pelo triplo das perdas em combate entre os oficiais e sete vezes mais entre os praças.

* * *

A campanha do Paraguai, apesar do aparente desequilíbrio de forças que certos críticos procuram enfatizar, foi difícil, tanto para as forças terrestres como para as navais. Travou-se a grande distância do que seriam as bases de apoio da invasão, dependendo de longas e frágeis linhas de comunicação, e só sendo possível a progressão pelo eixo fluvial, dispendo de defesas fortes e guarnecidas, indiscutivelmente, por gente de grande bravura, extremamente dedicada à sua liderança.

A superioridade em homens e material dos aliados era contrabalançada pelas difíceis comunicações já referidas, a posição favorável dos defensores, sua prévia superioridade em armamento de tecnologia não inferior ao dos atacantes, e a disposição de não haver capitulação, como não houve.

As forças navais brasileiras tiveram papel importan-

te e imprescindível no desenvolvimento estratégico e tático da campanha. Destruíram os oponentes que poderiam dificultar ou impedir o domínio fluvial. Hostilizaram o flanco do Exército inimigo que avançava, imobilizando-o, quando foi necessário. Enfrentaram as baterias instaladas nas margens dos rios, o estaqueamento no leito e as correntes que se opunham aos movimentos de seus navios, as agressões das abordagens e dos "torpedos". Cooperaram na progressão das forças terrestres, transportando-as, apoiando-as nos desembarques, enfraquecendo os redutos fortificados que por elas foram sendo neutralizados ou ocupados, realizando ação conjunta que garantiu o êxito das operações.

A Marinha, com sua atuação, colheu os louros da vitória e firmou tradições que ficaram na História. Merecidamente. 